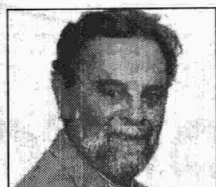


MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

Os pródigos

• Pródigo, segundo o Aurélio, é quem despende com excesso; dissipador; esbanjador. Pode ser ainda quem dá, distribui, faz ou emprega profusamente. Segundo o economista Aloísio Campelo, a cada ponto percentual que diminui nos juros o Governo economiza R\$ 1,6 bilhões por ano. Logo, quando o Banco Central subiu os juros em quase 30 pontos a 11 de setembro, aumentou o déficit público em perto de R\$ 48 bilhões, R\$ 4 bilhões por mês.

O aumento, é bom lembrar, ocorreu às 22h, horas depois de o presidente Fernando Henrique declarar que já bastava de alimentar a ganância dos banqueiros. Os distintos diretores do Banco Central não só desmentiram publicamente o presidente da República como, em pânico, deram ao país um prejuízo, nesses dois meses, de R\$ 8 bilhões, que é a arrecadação que se pretende com o aumento da CPMF. Podem ser qualificados de pródigos com o nosso dinheiro. Agravante: os especuladores reconheceram a decisão pelo que de fato era, um acesso de pânico, e continuaram a tirar os seus capitais do Brasil. Acharam ser demasiado o risco de deixá-los num país cuja economia é governada com tamanha incompetência.

A rendição incondicional ao FMI era, nas circunstâncias, o caminho inevitável e deve ser consumada hoje. A carta de intenções para o acordo com o Brasil será especial, andaram dizendo, porque a qualidade da gestão da nossa economia é também especial. Não é verdade. Miriam Leitão, que tem os seus canais privilegiados, noticiou que será igualzinha à assinada pela Coreia do Sul. A política imposta pelo FMI, igual para gregos e troianos, produz um tal sofrimento humano que o próprio Michel Camdessus, diretor-gerente do Fundo, dela se arrepende em artigo publicado na semana passada. Infelizmente, a ressurreição dos mortos não vêm de arrependimentos tardios.

Paciência. Escrevi outro dia, e hoje repito, que quando um general erra, quem paga são os soldados. Quando o erro é de uma equipe econômica, quem paga é o povo.

Já se começa a calcular o tamanho da conta. A produção industrial caiu 6% em setembro, comparado com o mesmo mês do ano passado. No ano, a queda será de 1,5%, diz o IBGE. Só a indústria já eliminou este ano 102 mil empregos, o que corresponde talvez a 500 mil pessoas no desamparo.

Diante do descalabro e do protesto geral das elites, políticas e empresariais, os sábios do Copom se reuniram quarta-feira e decidiram baixar em sete pontos percentuais a taxa de juros máxima do Banco Central, deixando-a a 42% ao ano. É como se um médico recomendasse aspirina para curar o câncer.

Manter os juros do real nas taxas mais elevadas do mundo é o contrário do que estão fa-

zendo os países desenvolvidos. Os Estados Unidos reduziram o seu índice de referência a 5% ao ano. O Japão, na prática, não cobra nada de quem toma dinheiro emprestado. Os 11 ministros da Economia dos países que trocarão as suas moedas pelo euro a 1º de janeiro reuniram-se em Pörschach, na Áustria, a 24 e 25 de outubro. O primeiro ministro austríaco, Viktor Klima, falou por todos ao dizer que a estabilidade dos preços, o crescimento e o emprego não são contraditórios. Tratam de pressionar os seus bancos centrais para baixar os juros e, em consequência, aquecer a economia e reduzir o desemprego, que já atinge 16,8 milhões de pessoas nos seus países. Existe uma economia para brancos e outra para bugres.

Enquanto essas graves decisões eram tomadas no Banco Central e outras, não menos sérias, saíam da Comissão de Privatização, as energias de grande parte da oposição se concentravam nos assuntos policiais dos grampos dos telefones de autoridades e numa incrível papelada de propósitos caluniosos e eleitorais, atribuindo R\$ 368 milhões de dólares a uma conta conjunta de Fernando Henrique, José Serra e Mário Covas. Acreditar nessa história é, como ontem me dizia um deputado, acreditar que um homem rico abriu uma conta milionária em nome da esposa legítima e da amante num asilo fiscal. Juntos, os três fazem política e ponto final. E, assim mesmo, não se privam de dar cotoveladas e pontapés uns nos outros. Aliás, os documentos foram oferecidos a Roberto Freire e a Ciro Gomes antes do primeiro turno e eles se recusaram a sequer discutir o assunto. Domingos Alsogaray, da revista "Isto É", também recebeu oferta semelhante. Se alguém se interessar em investigar, essas são duas dicas.

Exceção à cegueira dos cor-religionários foi o senador Eduardo Suplicy. Fez ontem um longo discurso questionando, com argumentos ponderáveis, as contas do Governo sobre o déficit da Previdência, tanto públicas como privadas. Argumenta, com números, que os dados apresentados estão errados, aumentando os das despesas e diminuindo os da arrecadação.

Registro final: também ontem o senador Ronaldo Cunha Lima fez um delicioso discurso em defesa da língua portuguesa. Recomendo a leitura.